

# Vilas Coloniais e ordenamento urbano

Ana Tereza Landolfi Toledo

## Resumo

O presente artigo tem por finalidade relacionar dois aspectos, cultura e poder, demonstrando como essas categorias de análise se justapõem, mediando certos códigos sociais de conduta e sociabilidade em um determinado contexto. Neste sentido, buscamos analisar estas duas categorias sob a perspectiva do Barroco, entendendo este como uma cultura de época imerso em um contexto de crise. Entretanto, sabendo da extensão temporal e geográfica da manifestação da Cultura Barroca, optamos trabalhar o século XVIII na América Portuguesa, o modo como foi apropriada em território colonial. Para tal, escolheu-se abordar a região das Minas e as festas que ali ocorriam. Procuramos explicitar, ao longo do artigo, os aspectos que estavam presentes nas festas: tensão, exacerbação do poder, controle, espetáculo e hierarquização social.

Palavras-chave: Cultura Barroca, Minas Gerais, Festas barrocas.

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar o barroco como uma cultura de época, típica da Época Moderna, fenômeno este que tem seu nascimento na Europa e, devido a expansão marítima, teve desdobramentos em outras partes do mundo, para além do território europeu. Para tal analisar-se-á as festas barrocas na América Portuguesa, especialmente na região das Minas Gerais.

O barroco apresenta-se, *a priori*, como expressão do robustecimento de poder monástico; devido a consolidação das Monarquias absolutistas europeias, a polarização e hierarquização social, seguida pela queda populacional, êxodo do campo, crise de abastecimento, dentre outros fatores. Este período, para alguns estudiosos, configura-se como reação cultural para o enfrentamento de um momento de crise geral.

Neste sentido, analisaremos o Barroco como uma cultura de época, uma resposta ao contexto, uma espécie de mecanismo criado para enfrentar este momento de crise. Procuramos, inclusive, perceber a circularidade desta cultura de época para além do continente europeu, abordando especificamente a transladação da cultura barroca e o estilo de vida proporcionada por esta para a América Portuguesa.

Sob uma atmosfera de incertezas e crises que se desenha a cultura barroca, partimos do pressuposto que as caravelas ao atravessarem o Atlântico não trouxeram consigo apenas homens a fim de desbravar novas terras mas maneiras de agir e pensar, um *ethos* construído que a travessia

não apagou. Neste sentido, acreditamos que a cultura barroca portuguesa teve sua manifestação nas zonas coloniais, não como tal à Europa porém desdobrou-se em seus territórios ultramarinos e o dirigismo cultural fez parte, também, de uma estratégia de dominação e relaxamento dos conflitos nas possessões no além-mar. Dessa maneira, abordaremos a presença de uma cultura barroca na América Portuguesa como estratégia para um êxito na colonização, tendo a cultura como um ingrediente importante para tal. Especificamente no caso da região das Minas, onde foram encontrados os primeiros metais preciosas na América Portuguesa, território este que a partir do segundo quartel do século XVII deteve atenções especiais da metrópole.

Para tal, propomos, dentre as expressões da cultura barroca, analisar as festas barrocas na capitania das Minas na América Portuguesa. Procuramos estabelecê-las como uma expressão típica da manifestação de uma cultura barroca, bem como, uma forma de estratégia de coerção não bélica em uma região que inerentemente fora propensa a conflitos, bem como implantar uma sociedade fortemente hierarquizada, com papéis sociais bem definidos dentro da urbe.

Cruzar o Atlântico não implicava em apenas tomar decisões administrativas, significava também fundar um *ethos* baseado nos preceitos europeus, ou seja, junto com a máquina estatal, para a implantação da empresa colonial, desembarcavam os códigos sociais europeus fundados nos preceitos da Santa Igreja Católica de Roma apoiado pelo regime absolutista.

### **Muito além da estética: o Barroco enquanto conceito histórico**

O barroco, em linhas gerais, insere-se como uma cultura de época, não demasiado dizer que pode ser compreendido como um estilo de vida envolto por um determinado contexto. Neste sentido, como pontua Maravall, “el barroco ha dejado de ser para nosotros un concepto de estilo que pueda repetirse y que de hecho se supone se ha repetido en múltiples fases de la historia humana; ha venido a ser, en franca contradicción con lo anterior, un mero concepto de época”<sup>1</sup>. A denominação “Barroco” nasce nas artes e se projeta para além dela, denominando todo um estilo de época, uma vez que – acrescenta Maravall: “o Barroco es, pues, para nosotros un concepto histórico”<sup>2</sup>.

Não há um marco cronológico bem definido que possamos enquadrar tal conceito, entretanto

---

1

MARAVALL, José Antonio. La cultura del Barroco: análisis de una estructura histórica, 1986

2

Op. Cit. p.24

podemos assinalar os séculos XVI a XVIII como séculos de grande expressão de uma dita cultura Barroca. Segundo o historiador Bezares, o barroco enquanto cultura admite perspectivas múltiplas e portanto cabe uma análise mais ampla que não admite somente uma compreensão no campo artístico. No que tange ao marco geográfico e ainda sobre as condições temporais de ocorrência, o autor complementa,

respecto a sus condiciones geográficas y temporales, se centra en Europa Occidental, con ecos en la Oriental y exportación al Continente Americano, en cuanto tales territorios se configuran en circunstancias históricas conexas. La periodización restringida más frecuente lo sitúa entre 1600/1620-1680, pero en un sentido amplio lo Barroco puede colorear la segunda mitad del siglo XVI y desbordarse por el XVIII, todo depende del punto de vista que adoptemos .

No campo analítico referente ao conceito, Wölfflin, no ano de 1888, foi o primeiro teórico a debruçar-se sobre tal temática enquanto conceito, no qual o interpreta como uma brusca mudança, uma quebra do renascimento, ou seja, tratava-se da culminação do movimento formalista da plasticidade renascentista. Em contradição a Wölfflin, Weisbach<sup>4</sup> postulava que o barroco era uma expressão de uma cultura tipicamente católica, em um contexto no qual a reforma apresentava-se como uma ameaça de um domínio hegemônico da Igreja Católica. Entretanto, podemos observar em Antônio Maravall, já na década de 1970, a ampliação do conceito para uma abordagem que permitisse pensar para além das artes plásticas como um fenômeno que estava imbricado no cotidiano das pessoas ligado ao contexto vivido por elas, no qual a arte se desloca como um canal de expressão, e que não toma para si toda a complexidade do momento vivido. Dessa maneira, o Barroco apresenta-se como conceito para entender uma dada sociedade e os aspectos que faziam parte da sua vivência. Deste modo, o Barroco apresenta-se como um conceito histórico que nos remete a uma dada cultura de época na qual, apropriando novamente do historiador espanhol Luis Enrique Bezares, exprime uma “articulação conjunta” de “factores diversos en un tiempo y en las respuestas y comportamientos”<sup>5</sup>.

Importante assinalar que a partir do século XVI o continente Europeu passa por uma onda de crises de mentalidade, pós mentalidade humanista renascentista no qual sentimentos de incertezas e instabilidade povoa o modo de vida daquela sociedade. Baixa na agricultura, na produção de objetos

---

3

BEZARES, Luis Enrique Rodriguez-San Pedro. *Lo Barroco: la cultura de un conflicto*, 1988

4

Weisbach postula sobre o Barroco na década de 1920, posteriormente a Wölfflin que escreve em fins do século XIX. Dessa maneira, Weisbach apresenta-se como o primeiro teórico analisar o Barroco para além da estética artística, em contraposição a uma tradição renascentista, percebendo o Barroco por um viés cultural mais amplo.

5

Bezares, p.10.

manufaturados, altos índices de mortalidade, finanças debilitadas, elementos que acabam ocasionando uma forte polarização social onde os grupos dominantes querem, a todo custo, assegurar o seu poder por um sentimento de abalo proporcionado pela atmosfera de crise posta pelo contexto enfrentado.

Processo marcado por declives demográficos, estancamento econômico, enfrentamentos políticos e bélicos, exacerbação religiosa, quebra da segurança, aspectos que apontam para o momento difícil enfrentado pelos que viviam naquele contexto. “Situaciones quizás semejantes a las del siglo XIV, pero sugidas ahora tras la expectación de los humanismos y por ello más desastrosamente sentidas. Crisis real y conciencia de crisis contribuyendo a crear el clima psicológico nutricao del Barroco”<sup>6</sup>.

Neste sentido, podemos inferir o Barroco, enquanto conceito histórico, como uma resposta à uma experiência geral de crise, ou seja, uma consciência de crise. O panorama posto a partir do século XVI corrobora com a afirmação interior: enorme inquietude social, marcado por atraso/crise econômica, diminuição demográfica, ordem social perturbada, grandes fluxos migratórios entre as Nações europeias. Pode-se observar uma crise de confiança das elites e uma enorme introspecção coletiva e a uma certa instabilidade instaurada.

Não é demasiado pontuar que o Barroco nasce sob uma bruma de incertezas e instabilidade seja no campo econômico, político e social, permeado por um forte sentimento de morte, insegurança, receio, por uma ruptura do equilíbrio. Contexto tomado por uma atmosfera de total descrédito na humanidade e em tudo que advinha e a circundava.

Y, en cualquier caso, no puede ya ser visto como consecuencia de un único factor, ni siquiera de las variadas consecuencias suscitadas por el mismo en el plano de la cultura, sino que se nos revela en conexión con muy variado repertorio de factores que juntos determinan la situación histórica del momento y tienen todas las manifestaciones de la misma con esos caracteres emparentados y dependientes entre sí que nos permiten hablar, en sentido

<sup>7</sup>  
general, de cultura del Barroco .

Ambiente marcado por crises e incertezas da/na própria humanidade, onde a mesma se auto-problematizava. Interessante observar que há questionamentos para o contexto vivido e o emergir de uma nova mentalidade, de novos costumes e uma nova forma de interpretar e encarar o mundo. Esses novos valores, a fim de enfrentar a dura realidade posta, seriam uma resposta à crise enfrentada. Contexto marcado por uma certa ruptura de equilíbrio, imerso em um clima de

6

Ibidem. p. 22

7

Maravall, Op. Cit., p. 33

desarmonia e uma busca voraz em tranquilizar os indivíduos.

No Barroco verificamos o robustecimento do poder para a tentativa de supressão da sensação de insegurança e instabilidade. Outros elementos que advém da cultura barroca a fim de enfrentar a dura realidade posta é o intento de conservar um certa tradição; que aqui não se configura como algo pejorativo. Dentre estes elementos podemos pontuar a consolidação dos poderes monásticos; para o enfrentamento da crise na tentativa de restabelecer o equilíbrio quebrado, proporcionando uma forte hierarquização social.

Dada a depressão econômica enfrentada, observa-se a busca pelo enobrecimento social com a venda de título nobiliárquicos aos que poderiam pagar, no qual supõe o agravamento do tipo de hierarquização social de cunho tradicionalista uma vez que o estamento privilegiado é o segmento ligado a nobreza de sangue, eclesiásticos, altos funcionários e militares, os elementos burgueses ligados ao comércio, oligarquias urbanas e proprietários de terras acabavam por marcar um comportamento aristocratizante e criar vínculos de solidariedade mútuas e aspirações sociais que pudessem ser reconhecidos como tais. Na teia social criada pautada nos vínculos de solidariedade, por conta do contexto conturbado; revoltas e protestos, foi possível o desenvolvimento de alianças políticas mais ou menos intensas a fim de evitar mudanças tão radicais, apontando por um grande conservadorismo, indo ao encontro à uma tentativa de renovar ou restaurar algo. Este movimento marca a mudança de uma monarquia renascentista para uma monarquia absolutista, com grande concentração e robustecimento do poder, totalmente centralizado nas mãos de uma casa monástica.

No barroco, o homem já não é mais a “medidas das coisas” como no período renascentista, a realidade é um grande engano, um mundo de meras aparências, no qual este está recheado de contradições, agonias, lutas, melancolias, numa espécie de estado de conflitos e antíteses permanentes. Em uma atmosfera onde não há solução racional e aparente, uma sociedade desencantada que se auto-questiona, dualismos, ambiguidades, contradições, metáforas; céu/inferno, Luz/sombra, são elementos recorrentes para o enfrentamento deste mundo mau e perverso, uma vez que o humanismo renascentista já é frustrante e se perdeu nas páginas do passado. A realidade do mundo barroco é dura, perversa e traiçoeira, o mundo terreno não tem mais salvação, tudo está perdido.

Dessa maneira, para a cultura barroca o mundo não é o que aparenta e por essa razão que a salvação está no *transmundo*, além das coisas tangíveis. O homem é mal feito e por essa razão não é possível criar um mundo harmônico, no qual só resta encurva-se ao mundo transcendental onde de fato se encontra a salvação. Pois, a vida é ruim e a recompensa encontra-se no *transmundo*, onde todas imperfeições terrenas serão corrigidas para o alcance de uma vida plena.

Deste modo, o barroco caracteriza-se, também, por ser uma cultura dirigida, ou seja, a

experiência, seja no *transmundo* ou na vida terrena, deve ser dirigida e real, pois a contemplação deve ser centrada a partir de um Cristo e de um mundo concreto e carnal. Há que se meditar em algo concreto, pois não se pode deixar a “massa” escapar do controle. Por este forte apego ao material, ao real e ao concreto, os ritos são bastantes sensoriais e audiovisuais. O apelo a elementos sensoriais resulta em atingir, de maneira mais didática, a “massa” a ser controlada e dirigida, auxiliar principalmente na condução de comportamentos.

Na sociedade Barroca percebemos núcleos de poder, uma espécie de centro dinâmico de irradiação de poder erudito, papel assumido pelas elites altamente racionalizadas, preparadas e capacitadas intelectualmente, que tem como máxima conduzir a população desprovida de uma erudição clássica, com o intuito de fazer com que estes sujeitos possam “pensar pouco e serem muito seduzidos pelo discurso. A população em geral apresenta-se como um perigo constante, uma ameaça em potencial para uma quebra do ínfimo equilíbrio da época. Neste sentido, em uma sociedade altamente hierarquizada, a elite condutora de comportamentos tem como dever publicizar o papel que deve ser preenchido pela massa na dinâmica social da época.

Dentre os mecanismos estratégicos utilizados para tal intuito, encontramos nas festas barrocas um forte elemento de controle que não serviam apenas para o divertimento e encantamento dos que viam e participavam, mas como todo um aparato didático de comunicação de conduta e, por consequência, recurso para conter conflitos que poderiam eclodir devido o contexto de crise.

Dessa maneira, as festas se apresentavam como um instrumento de dirigismo e, em certa medida, de coerção social, a fim de evitar contestações e conflitos, uma forma de publicizar a função desempenhada de cada segmento dentro da dinâmica social. Observemos que tal estratégia extrapolou os limites da Europa e se trasladou para além do Atlântico, no Novo Mundo.

### **Nas caravelas da cultura, a circularidade da cultura Barroca entre o Velho e o Novo Mundo**

Enrique Wölfflin ao estudar pioneiramente os princípios que fundamentam a arte barroca, acentua que “os traços fisionômicos do seiscentos começam já a delinear-se antes do ano 1600, assim como condicionam por outro lado a fisionomia do XVIII<sup>8</sup>, demonstrando a fluidez da expressão do Barroco enquanto expressão artística e não encarcerada em um tempo rígido e em um estilo puro. Helmut Hatzfeld admite, contra a opinião de outros especialistas, interrupção

---

8

WÖFFLIN, Enrique. *Conceptos fundamentales de la Historia del Arte*. 3ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1952. p.19

momentânea da “incidência” do Barroco, ao observar que o estilo, em sua expansão, alcança a perfeição artística em momentos históricos variáveis de um país à outro<sup>9</sup>. Já o especialista Hernani Cidade, referindo-se à “Fênix Renascida” - coletânea de poemas publicada de 1716 a 1728, faz alusão ao “espírito barroco” que os informa<sup>10</sup>. São posições antagônicas que podem levar sem dúvida a visões unilaterais do problema do barroco. Assim, em meio a controvérsias dos estudiosos supracitados, o autor espanhol Diaz-Plaja, abstrai de qualquer tipo de dogmatismo ligado ao período e extrapola o conceito da questão estética para o campo sociológico e psicológico, perspectiva com a qual Maravall compartilhou posteriormente.

Incorporado o Barroco ao quadro geral do legado Português a sua colônia na América, compreendemos melhor não só o complexo da arte colonial do século XVIII, como também muitos resíduos de efeito ideológico, religioso ou ético que conformam a cultura na América Portuguesa e o comportamento social ao longo de todo um lento processo<sup>11</sup>. Dentre as influências que estiveram presentes na colonização da América, o autor Otto Maria Carpeaux de “História da literatura Ocidental” chama a atenção para o “universalismo daquele sentimento de vida, do qual nos ficaram as expressões literárias e artísticas e certos traços inconfundíveis (e, ao que parece, indeléveis) na nossa vida social”, acrescentando que, “se, como estilo, o barroco é um fenômeno europeu, como “survival” é muito mais um fenômeno americano”. Essa sobrevivência, prossegue o autor, se fará surpreender “entre os arranha-céus da economia capitalística e da sociedade moderna”, em formas residuárias da “civilização internacional do catolicismo pós-tridentino, aristocrática e patriarcal, mística e supersticiosa<sup>12</sup>”. A proposição carpeauxiana aplica-se caso nos detivermos ao fato de que a colonização do continente americano foi decisiva para o êxito da contra-reforma, sabemos que não se pode realmente avaliar qual seria o resultado da doutrina tridentina se a Igreja não tivesse sustentado e promovido a expansão colonial ibérica. Os próprios rumos do catolicismo, seja como religião ou como expressão política, estariam irremediavelmente comprometido com o reformismo que se alastrava na Europa e ameaçava de isolamento as Nações da península Ibérica, redutos da

9

HATZFELD, Helmut. Estudios sobre el barroco, Madrid: Biblioteca Románica Hispánica / Editorial Gredos, Madrid, 1964. p. 45.

10

CIDADE, Hernani. O conceito de Poesia como expressão da Cultura, Coimbra, 1957. p. 125.

11

ÁVILA, Affonso. Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte, 1967.

12

Otto Maria Carpeaux, Tradições americanas, In: Origens e fins, livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1943, p. 379. apud Ávila, Affonso. Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Op.Cit.

Igreja Católica. A ida para a América se constituiu para Igreja Católica como uma nova zona de influência para transplantar seus preceitos somados aos interesses econômicos de Espanha e Portugal, associados também por grande afinidade de formação espiritual e histórica, fatores que auxiliaram no projeto de manutenção da supremacia da religião católica. O continente europeu contaminado pelo germe reformista, a reação da Igreja Católica vislumbrou no Novo Mundo a sua oportunidade e nela se concentrou, confiando a Companhia de Jesus a operação de cobertura ideológica da colonização. A colonização da América assistiu em todo o seu processo os preceitos católicos e o ônus que isso significava, observava-se também a introdução e fixação das formas da cultura barroca.

Sob o verbo do Padre Antônio Vieira, ergueu na costa nordestina os primeiros templos barrocos ao mesmo tempo em que se sedimentava a sociedade patriarcal que Gregório de Matos estigmatizaria com os recursos também barrocos em sua linguagem literária satírica e irônica. Transladava-se e adaptava-se ao novo território a complexidade dos seiscentos europeu, que no início do século XVIII faria acentuar e polarizar nas Minas Gerais, território para onde se transporta a atenção de Portugal.

Populações quase inteiras de povoados portugueses se aventuraram na travessia do Atlântico para engrossar a corrida pelo ouro, carregando consigo traços e signos da cultura barroca. Traziam consigo não apenas a ânsia de riqueza que o trabalho minerador poderia concretizar mas aquela “capacidad de ensueño” que transformava a realidade ainda desconhecida numa verdadeira antevisão edênica. Desta maneira, a estruturação social da comunidade mineradora contou com a influência do “pueblo de teólogos y usureros” que segundo Diaz-Plaja teve papel preponderante na implantação da cultura Barroca e da civilização de “exaltación de lo infinito y sabotaje de lo real” nas Américas.

Como observado na análise de Ávila<sup>13</sup>, se translada para América, no nosso caso específico Minas Gerais, uma sociedade que se inscreve culturalmente sob o signo do Barroco, vivendo as inquietações “místico-existenciais” expressando-as, concomitantemente, em um modo de vida que não esconde as suas raízes formais e ideológicas. Na verdade, trasladou-se para as Minas do século XVIII mais que um estilo ligado a arte mas todo um modo de vida que, favorecido pelas condições da região, acabou por marcar profundamente a trajetória mental do povo das Minas.

### **O mosaico do poder, a heterogeneidade do governo Luso na América Portuguesa: a especificidade nas Minas Gerais**

---

13

ÁVILA, Op. Cit. p.9



O aparato burocrático montado na América portuguesa, a seu modo, tinha semelhança com a estrutura na qual funcionava a Metrópole, claro, e é necessário pontuar que havia uma correspondência de organização o que não nos autoriza afirmar que na colônia era o reflexo da Metrópole, houve toda uma adaptação à demanda local que deu certo tipo de alteridade aos que lá viviam. Todo este aparato trasladado para o continente americano contribuiu principalmente para atender aos interesses do colonizador e das elites locais que ali fincaram suas raízes. Dessa maneira, a política portuguesa foi bastante heterogênea devido a pluralidade dos seus domínios, não havia como impor um só modelo de governabilidade em todas as capitânicas que faziam parte do território colonial. Neste sentido, adotou diferentes diretrizes respondendo aos padrões locais, a empresa portuguesa foi por ora centralizadora, porém não uniformizadora, uma vez que não aplicou uma única atuação no proveito de seus objetivos; afastou-se a cegueira da adoção de um modelo rígido e fechado para governar uma terra vasta e desigual.

Entre as regiões que receberam cuidados particulares da Metrópole destaca-se a região das Minas, na qual adquiriu sumária importância durante o processo colonizador em decorrência do “achamento” de metais preciosos, tão caros aos cofres da Coroa portuguesa. A extração dos metais preciosos foi a força que impulsionou e justificou o maior rigor que se aplicou à região. Essa riqueza, de certa forma, delineou os contornos políticos e econômicos da capitania de Minas Gerais, deu-lhe também notável população em pouco tempo, além de certo progresso com a formação de núcleos urbanos. Elementos que somados suscitam quase a onipresença da máquina estatal portuguesa, onde o fisco o seu maior protagonista na tentativa de evitar os descaminhos do ouro e das pedras preciosas.

O Ouro e pedraria constituíram grande preocupação para a Coroa desde os primeiros tempos do domínio colonial. Após a Restauração, quando Portugal se libertou do domínio espanhol, restava à Coroa portuguesa a sua porção americana como grande possibilidade de aumentar seus ganhos e neste intuito se concentrou, na ânsia de encontrar metais preciosos no interior do território colonial que tanto era almejado na época, ainda mais que nos domínios espanhóis já se extraía prata em abundância. Com a esperança em repetir a descoberta da prata na América Hispânica, os aventureiros portugueses partiram rumo ao interior da colônia portuguesa. A ambição pessoal era acrescida pelo entusiasmo e apoio – que na maioria das vezes contava com o suporte financeiro - do Rei. Após intermináveis buscas, o ouro foi encontrado nos leitos dos rios dos vales das montanhas na região das Minas. Logo a região tornou o destino de homens advindos de todas as partes seja da própria colônia – paulistas, baianos, pernambucanos, ou do reino, com o intuito de aventurar-se na corrida pelo ouro em busca do seu enriquecimento. A capitania de Minas Gerais não surge como

concessão do Rei à fidalgos, a exemplo de outras capitânias, tampouco da luta de expulsão do estrangeiro, mas da ambição de alguns homens em busca de riqueza.

Interessante observar que Portugal deixou-se dominar pela ambição metalista, interesse que se sobrepôs a tudo e marca o ritmo do passo que coordenou a colonização. Embora obcecado com a riqueza proveniente da extração mineral, o governo português não teve o cuidado de elevar o nível de vida do povo e tornou a região das Minas uma ilha isolada de tudo, inclusive dos meios mais eficazes e menos danosos de mineração<sup>14</sup>. O foco exacerbado na fiscalização proporcionou a montagem de uma máquina estatal e administrativa repressora quanto a cobrança de impostos que recaía sobre a população.

Ainda que tais interpretações pareçam extremadas ou encontrem na América Portuguesa contradições, acreditamos, contudo, bastante condizente com a situação dominante na zona do ouro das Minas Gerais. O poder real aparecia, sobretudo e quase que exclusivamente, com fins de vigilância e taxação da atividade mineradora: uma espécie de obsessão que dominava a Coroa. O Estado português se realizava na função de tributar, porém exercia grande influência no modo de vida dos colonos mineiros e as preocupações recaíam também na cultura e na sociabilidades locais.

### **A vida como espetáculo e o espetáculo encenando a vida**

Entre os mecanismos promovidos na colônia pela Coroa, as festas se apresentaram como uma estratégia para assegurar e manter o poder régio na América Portuguesa. Além de preocuparem com a questão de definições de fronteiras, um aprimoramento do aparato militar e da eficiência administrativa, fazia-se necessário, também, publicizar a imagem do Rei juntos aos seus súbitos que estavam em terras tão distantes. É neste sentido que as festas funcionaram como um importante mecanismo dentro da engrenagem colonial ao aproximarem a população da Coroa, reforçando os laços que uniam as terras de além-mar com o Reino.

Na região das Minas, onde o povoamento ocorreu - como já descrito, a partir da chegada de toda espécie de tipos, seja advindos do Reino ou da própria América Portuguesa, se fazia necessário marcar o poder político da Metrópole e o prestígio dos funcionários que serviam a Coroa

---

14

Diferentemente da Espanha com as zonas de mineração que estavam sob o seu domínio. O império Espanhol buscou intercambiar tecnologia com os alemães para melhor aproveitamento do processo de extração de metais preciosos, principalmente nas áreas da Nova Espanha. Para saber sobre a tecnologia empregada por Espanha em seus domínios ver as investigações feitas pelo historiador espanhol Juan Manuel Vicente Gil.

demonstrando a presença régia e o seu poder nas Vilas. As festas se apresentavam como uma forma de comunicar a população em geral da posição e atribuição que era reservada ao tecido social e revelava bastante do funcionamento e do modo de vida daqueles sujeitos.

Desta forma, a relação entre as festas com questão do poder – seja ele local ou não, é bastante oportuna, uma vez que o entrelace dessas categorias a nosso ver se insere como expressão da cultura barroca, típica da Época Moderna.

Neste sentido, acreditamos que as festas possam configurar enquanto expressões do Barroco nas Minas setecentistas uma vez que, retomando à aceção do conceito, segundo Maravall <sup>15</sup> o Barroco apresenta-se como um conceito de época, no qual articula política, economia e sociedade, com todas as suas implicações ideológicas que propicia o desenvolvimento de uma dada realidade única e irrepetível.

É no processo de elaboração dos símbolos, imersos em um cultura barroca, que a função recaía sobre a criação de uma “aura mística” em torno da figura Real contribuindo para exaltar a sua autoridade diante aos seus súditos. É neste quesito que se insere a importância da festa naquele contexto, é onde adquire toda a sua importância enquanto promotora do espetáculo de junção entre os elementos sociais com o poder. Oferecendo emoções artificiais por meio dos espetáculos pirotécnicos colorindo o céu da Vila que procuravam enaltecer o Monarca, era onde também se fazia o exercício de demarcar a posição de determinadas camadas sociais. Todo o conjunto de preparativos girava em torno do resultado de impressionar a população. No mesmo sentido, o teatro, que também era utilizado nessas ocasiões, relevava-se como um eficaz artifício na persuasão dos presentes ao ressaltar brilho, grandeza e poder em forma de encenação, ao mesmo tempo que atuava psicologicamente nos sujeitos das vilas. Dessa Forma, e conforme Maravall <sup>16</sup>, faz-se necessário destacar a caracterização da festa barroca como uma “festa para contemplação” que, organizada pelas autoridades, procura ostentar o poder de forma que os indivíduos permanecessem a posição de espectador passivo, como elemento legitimador do que se transcorria.

A festa não foi somente um espetáculo de divulgação do poder Real, servia também como via para o reconhecimento do poder local, sejam estes funcionários régios, o clero, ou os homens bons das vilas – os melhores da terra. Importante ressaltar que os procedimentos empregados nas cerimônias tinham por finalidade ordenar a sociedade comunicando os papéis e espaços sociais que cada um deveria cumprir que acabava de certa forma promovendo uma certa minimização dos

---

15

Maravall, Op. Cit

16

Maravall, Op. Cit.

conflitos sociais, introjetando valores e normas da vida coletiva e evitando, principalmente, contestações a Coroa.

### **Entre signos, códigos e emblemas: a festa como um discurso a ser decifrado**

A representatividade do poder real se deu a partir da evolução de inúmeros signos que o personificavam durante as festas; como insígnias, vestimentas, gestos, retórica. A medida em que a corte se retirava para o seu espaço privado onde e a maior parte de suas vidas transcorria entre seus pares, era necessário tornar a figura do Rei pública e que tivesse total adesão ao que simbolizava, que perpassava pelo reconhecimento do seu poder.

Neste sentido, a festa barroca com seu exagero e fausto era um acontecimento ímpar que, acima de tudo, servia para a representação do poder real, no qual necessitava de público para legitimação. O povo ali presente se integrava ao acontecimento e de alguma forma se aproximava do centro de poder, ao mesmo tempo que se divertia, em um interessante exercício político. Subordinar os domínios portugueses na América junto ao poder real era tarefa que não cabia somente ao aparelho burocrático, era preciso estabelecer uma identidade entre súditos e o Rei, buscando através do lúdico propiciar a criação e o fortalecimento destes laços identitários.

Dessa maneira, o processo de colonização passava também pela transmissão de valores comuns a fim de regulamentar condutas. Para tanto, era necessário a criação de toda uma cadeia de símbolos a serem introjetados pelo colonizador, no intuito de estabelecer uma identidade entre os súditos e o Rei, para legitimação do seu mando para além das fronteiras da Metrópole. Assim, as festas se apresentaram como um eficaz instrumento, uma vez que se mostrava como um mecanismo de dominação não coerciva, onde primava pela transmissão de valores comuns que devia ser espelhados e seguidos pelo corpo social.

Segundo Janice Theodoro da Silva<sup>17</sup>, as caravelas portuguesas acabam por ser caravelas da cultura, levando para o além mar o projeto colonizador português que estava além das normativas de cunho administrativo burocrático. Seus signos, incorporados à mentalidade da realidade colonial, forjaram sua identidade na América, marcada pela forte presença fundadora do Estado e da Igreja.

O espaço urbano das Vilas na região das Minas se tornou um dos locais privilegiados de transmissão e de identificação cultural, pois, ali, o colonizador dispunha dos símbolos de sua

---

17

Silva, Janice Theodoro da. *América Barroca: tema e variações*, São Paulo, 1992.

dominação e a sua utilização, como material construtivo preferencial, marcava a presença do Estado. A urbe se apresentava como o *locus* ideal para a publicização do poder real e da Santa Igreja Católica, eternizado nos monumentos que era erguidos, como o espaço era ordenado e nos acontecimentos sociais, especialmente os que ocorriam na rua, no caso as festas e procissões – que, com as devidas proporções se mostravam como um local de encontro da sociedade setecentista mineira, seja como espectador e legitimador ou como protagonista.

Controlar os adventícios que se dirigiam para a região das Minas era uma tarefa que a Coroa se esforçava para não se descuidar. Os metais preciosos ali encontradas faziam das Vilas mineiras um dos principais centro da atividade normatizadora da Metrópole no território colonial americano. Reegrar uma sociedade que extrapolava o tradicional binômio latifúndio/escavidão da região de produção açucareira no nordeste da América Portuguesa não era um exercício de fácil execução e a grande extensão do território e a sua distância do litoral dificultavam ainda mais tal processo.

Nos primeiros anos das Minas, enquanto capitania independente das capitanias do Rio e de São Paulo, três festas ocorrem ali, a saber: O Triunfo Eucarístico; em 1733, no qual tratava da inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Pilar e a transladação da imagem do Divino e Eucarístico Sacramento para este novo templo, a segunda ocorreu por motivo da instalação do Bispado de Mariana, em 1748, e foi chamada de Áureo Trono Episcopal, a terceira e última; porém não menos importante, as Exéquias de Dom João V, que desdobrou-se em dois eventos; uma ocorrido em Vila Rica e a outra em São João Del Rei, ambos em 1750.

As festas barrocas se tornaram um acontecimento ímpar em Minas Gerais do setecentos e através delas é possível desbravar muito sobre a realidade da sociedade da época. Por um lado, as festas se apresentavam como representações metafóricas da sociedade da qual estavam inseridas, ao mesmo tempo é interessante observar que se mostravam como um mecanismo de válvula de escape das tensões que pairavam sobre a atmosfera de Minas, dadas pelo quadro social, político e econômico onde estavam submersas. Neste caldeirão, as festas eram, acima de tudo, mecanismos de reforço dos laços sociais uma vez que cumpriam um duplo papel, tinham um aspecto pedagógico, ensinando os indivíduos o papel que eles deveriam ocupar dentro da hierarquia social e ao mesmo tempo tentava “abrandar” as contradições existentes naquela realidade a fim conter possíveis conflitos que pudessem romper a “ordem” local.

As festividades eram destinadas para o público em geral e pensado justamente para ser encenado e ser visto no espaço da rua. Desfilar perante os demais moradores da Vila se mostrava como um interessante exercício de interiorização de valores, de construção e reforço de relações que ocorriam cotidianamente e que precisavam constantemente ser valorizadas, lembradas e legitimadas. Dessa maneira, a promoção das festas poderia ser visto como uma alegoria cênica da

sociedade onde ela acontecia. No entanto, nas festas não era possível que todos participassem, seu sentido normatizador dependia da existência de um público, de uma audiência que apreendesse os valores que ela procurava transmitir.

Assim sendo, apresentavam-se como um texto a ser lido e decodificado, carregado de signos que representavam as relações em uma sociedade em construção com sujeitos múltiplos, os festejos não eram uma réplica fiel daquilo que ocorria ao seu redor mas uma representação do que se vivia naquela dada realidade. As procissões dentro das festas expressavam uma ordem social que o poder pretendia implantar e conservar, hierarquizava os moradores e distinguia uns em detrimento de outros. Interessante que as festas, seja em seu aspecto religioso ou civil, reforçavam a obediência e a devoção Igreja católica e ao Estado, por meio da presença dos dogmas religiosos e pela presentificação do Rei. Desta forma, era uma das maneiras de cultuar a Deus e ao Rei, este último se fazia mais próximo de seus súditos distantes que eram seus devotos sem nunca terem o visto. Comunicavam, também, o prestígio social dos locais que habitavam a Vila e ao fazerem isto visavam o disciplinamento dos comportamentos, no qual os espectadores aprendiam uma série de comportamentos e regras de convívio que deviam ser seguidos para marcar as diferenças entre os estratos sociais.

A distância que separava a Metrópole da América, o número desigual entre homens e mulheres, o volume de escravos africanos, cristãos-novos e mestiços, representavam elementos que acabavam por colaborar com a ebulição social que se observava na capitania de Minas Gerais e por essa razão a Coroa acreditava que para uma melhor governabilidade e uma convivência pacífica os mecanismos de coerção social deveriam ser ativados. Estes deveriam ser cotidianamente lembrados e por ocasião das festas, que representava um momento de devoção e lazer, se apresentava como o momento mais apropriado para esta função de tentativa de dissolução do caldeirão de tensões presentes na região aurífera da colônia.

As festas barrocas ocorridas nas Minas setecentistas perduravam por vários dias, desenvolvendo várias maneiras de conagração. O sucesso de público estava diretamente ligado a atuação de mensageiros que circulavam pelos caminhos de Minas avisando o que estava para ocorrer, a sua missão era fazer publicizar as festas e fazer com que a notícia pudesse circular por pelos rincões de Minas com o intuito de aglutinar o maior número de pessoas para os festejos. Para a abordagem tais mensageiros se diferenciavam dos demais por excesso de luxo ou pelo exagero dos gestos. Interessante notar neste caso a utilização da narrativa poética como forma de abordar os passantes, invertiam discurso em prosa por meio da poética para chegar ao seu interlocutor de forma lúdica.

A abertura das festividades transcorria por vários dias e seu início era marcado pelo anúncio

da magnitude da festa a fim de criar grande expectativa para atrair um grande número de pessoas. A utilização de recursos auditivos como a música servia para despertar a curiosidade dos que estavam atrás das portas e janelas, na tentativa de atrair a atenção dos passantes e tirá-los de sua rotina. Mesmo no transcorrer das festas a música era um recurso bastante utilizado e servia não só para atrair a atenção do público para algum carro ou pessoa em particular ou para causar surpresa, mas para recriar uma atmosfera de puro encantamento. A estética barroca criava todo um cenário sensorial e audiovisual, no qual dava lugar para ao ilusório e ao inesperado na tentativa de criar sentimentos duais no público.

Outro aspecto interessante das festas, referente à sua estética, eram os dias de iluminação que antecedia o acontecimento em si, as fachadas dos casebres e os prédios públicos se cobriam de lamparinas de azeite e balões, clareando a noite, subvertendo a lógica da escuridão da noite e trazendo o dia, a luz para a penumbra do anoitecer, invertendo a ordem natural ao “dilatando o domínio das trevas”<sup>18</sup>. Ao criar uma atmosfera artificial onde o homem vence a escuridão se torna possível alterar a rotina e quebrar a monotonia citadina da Vila, essa subversão da natureza permitia o domínio da luz, criava condições de crer “que tinha renascido o dia, quando principiava a noite”<sup>19</sup>. Uma outra atmosfera tomava conta da Vila, uma outra ordem, uma outra áurea imperava, uma luz diáfana, que parecia que os aproximava do céu e distanciava da realidade aqueles homens que o seu cotidiano era marcado pelo trabalho, pelos tributos, pelo comércio, pelo ouro. Então começava um outro tempo, uma outra realidade, que era o da festa, o da algazarra e da folia.

Os moradores se esforçavam com a decoração de suas fachadas para serem vistas e contempladas, em um claro exercício de tentar se distinguirem dos demais, a procura pela distinção e afirmação eram sentimentos típicos de uma sociedade que tem como traço a sua forte hierarquização social, imersa no contexto do Antigo Regime. Era comum a explosão de fogos de artifícios utilizados como recurso de iluminação ao anoitecer, muitos continham desenhos, mensagens ou nomes, servindo também como propaganda do Império português, fazendo menção ao Rei ou dos seus funcionários<sup>20</sup>. O dualismo presente no contraste da luz e da sombra, da vida e da morte, tão ao gosto barroco ficava evidenciado pelo jogo de claro/escuro da iluminação artificial empregada nas festas.

---

18

Furtado, Júnia Ferreira Furtado. *DESFILAR: a procissão barroca*, São Paulo, 1997. Segundo a autora, referente a documentação consultada; sobre *Áureo Trono Episcopal*, o cronista utiliza quase sempre os mesmos dizeres: “estender-se a esfera das luzes sobre o dilatado domínio das sombras”

19

Furtado, Op. Cit.

20

Del Priore, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo, 2000.

Durante a festa, toda a cidade se preparava e se adornava para o acontecimento, como no teatro, transfigurando a Vila em um grande cenário e as ruas como o grande palco a ser preparado para o desenrolar das festividades. As ruas eram enfeitadas e as janelas das casas adornadas com grande luxo, permitindo que fosse visível a diferenciação entre os moradores. Desde o primeiro momento as festas tinham este caráter diferenciador, apontando de maneira ostensiva tanto os moradores quanto os visitantes quais eram os poderosos locais. As festas eram também ocasiões em que as autoridades aproveitavam para simplesmente marcar sua presença enquanto a personificação do poder real. Este ato cumpria o importante papel dentro da empresa colonial já que a presença física das autoridades, enquanto encarnação do poder próprio poder real, conferia a presença da Coroa no espetáculo.

A procissão era tida como um episódio central dentro dessas festividades, o ritual do desfile apresentava-se como um exercício que ocorria para ver e ser visto, na medida em que era o único acontecimento irrestrito à população. Inicialmente as procissões tinham um caráter eminentemente religioso, ao passo em que os Estados Absolutistas amalgamaram o poder político com o eclesiástico elas passaram a ter um duplo caráter: exaltar a Deus e ao Rei. A teoria do poder divino dos reis, que era a principal base de sustentação do poder monárquico, fazia da figura real o principal representante de Deus na terra e seu poder por ele era emanado, por essa razão que as procissões louvavam tanto a figura divina quanto a real que naquele contexto estavam imbricados.

A procissão, como festa de expressão tipicamente barroca, passava pelo crivo do Estado e da Igreja, pois se apresentava como uma forma de comunicação entre os súditos e os fieis ao utilizar em sua linguagem diversos signos de representação do poder real e eclesiástico: as insígnias, as vestimentas, os gestos, a retórica, os atributos, etc. As autoridades régias e eclesiásticas, as confrarias, irmandades<sup>21</sup> passavam perante os espectadores segundo uma regra pré-estabelecida pelo ritual, onde os sujeitos desfilavam na ordem e com as vestes condizentes com sua ocupação, a importância, diferenciando dos demais. Nada ocorria por acaso, a procissão se organizava a partir do discurso do poder e das relações de poder engendradas naquele *locus*, a festividade de certo modo interpretava, a representava a sociedade e ao fazer isto, ao mesmo tempo, a fundava.

Entretanto, as classes inferiores eram excluídas do desfile, e ao rechaçar as classes

---

21

Segundo Caio Boschi, em “Os leigos e poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais”, sobre o papel das irmandades na capitania das Minas: “por ocasião da descoberta de ouro nas Minas, O Estado, que já se fazia presente, passou a impor-se de modo ainda mais ostensivo e com caráter fundamentalmente fiscalista (...) as irmandades não só constituíram nas primeiras instituições das Minas, sendo responsáveis diretas pelas diretrizes sociais da colônia, possibilitando uma coesão social, como passaram a ser um importante instrumento colonizador e mantenedor da ordem extrapolando sua função religiosa, diluindo as tensões sociais e evitando contestações ao poder régio” Ver em FIORAVANTE, Fernanda. In: O poder das festas: as festividades barrocas nas Minas no século XVIII.



inferiores, os desclassificados<sup>22</sup> e os escravos, a procissão não se apresentava como um retrato linear da sociedade onde ela ocorria, pois nessas ocasiões pode-se esboçar um perfil social da época, período que as benesses sociais recaía sobre os que estavam no topo da hierarquia excluindo os demais. Todavia, esta exclusão não era total, pois a estes indivíduos era reservado um papel fundamental: o de espectadores. Ao povo cabia olhar e se divertir, bem como aprender os códigos que eram comunicados nestas ocasiões, está presente nas ruas era primordial para legitimação da representatividade deste poder das elites locais.

Como a festa devia servir para o relaxamento das tensões sociais geradas pela desigualdade entre as classes, não interessava ao poder excluir totalmente o povo e relegá-lo somente ao papel de espectador. Ao longo da procissão era dada oportunidade a participação de alguns, por exemplo, na incorporação de grupos caricatos no cortejo, recebidos com risadas e desdém diferente do respeito com que era recebidos os homens bons e o clero local.

Dentre a estética barroca caracterizam-se três aspectos do jogo ilusório: os contrastes entre a luz e sombra, entre o céu e a terra, o profano e o religioso. Imperava também o encanto, o brilho, as cores que serviam para seduzir o espectador. Neste sentido, a procissão-teatro relatava muito da realidade vivida ao representar a vida com um teatro, em um duplo processo de metaforização do real e da sua representação. Grande parte dos autores salientaram que as festas barrocas tinham a sua expressão na representação da realidade através da criação de ambiente ilusório, como um espelho ondulado, onde alguns elementos eram evidenciados em detrimento de outros. Para tal, apropriavam-se do jogo cênico e as técnicas teatrais para criar essa áurea ilusória do evento, onde confundia-se o real e a fantasia.

Outro aspecto interessante que se pode observar na análise das festas barrocas no setecentos mineiro é a efervescência cultural, um fecundo e florescente terreno no campo literário, poético e musical. A utilização desse tipo de linguagem dá margem para analisar como estes signos eram recebidos e interpretados pela população em geral, cuja maioria era constituída de analfabetos, bem como observar a interlocução entre a cultura erudita, letrada e religiosa e outra popular. Visto por este ângulo, a procissão era uma forma de retórica que possuía uma linguagem própria que lançava mão para se comunicar utilizando um discurso carregado de símbolos inteligíveis para o espectador. As festas teatralizavam durante os seus ritos de forma à realçar o poder tanto do Estado português, da Igreja e da elite local, desta forma tecia uma conexão entre eles recorrendo a utilização de símbolos que eram transmitidos para organizar o mundo e distingui-los dele. A festa era o momento

---

22

A respeito dos desclassificados sociais ver: SOUZA, Laura de Mello e, In: Desclassificados do ouro: A pobreza Mineira no século XVIII.

mais apropriado para a representação do poder real e eclesiástico e sua linguagem marcada pela constante repetição, para poder inculcar certos valores na sociedade.

A sociedade que desfilava aos olhos dos habitantes de Vila Rica, São João Del Rei e Mariana em nenhum momento se mostrava igualitária, ao contrário, as procissões expressavam uma realidade social ordenada corporativamente. Entende-se que toda procissão se organizava a partir da ideia de hierarquização dos indivíduos e os colocava na posição que lhes cabiam. Ao colocar próximos as autoridades, tanto civis quanto eclesiásticas, a procissão acabava por mesclar o poder estatal com o religioso, poderes sustentáculos e fundadores da sociedade colonial.

Deste modo, as festas barrocas no setecentos em Minas Gerais reforçavam a ordem, fundamentavam a hierarquia entre os sujeitos e normatizavam a vida em um duplo jogo: encenava o teatro da vida, e tomava a vida como teatro. Dentro desta espetacularização da vida muitos símbolos e signos serviam para estabelecer as fronteiras entre os que tinham e dos que não tinham a dignidade de serem representados.

### **Poder, Cultura e festejos: breve balanço historiográfico acerca da temática**

As festas, para a empresa colonizadora portuguesa, foram um instrumento interessante de coerção não violenta na região das Minas, além de publicizar como a sociedade deveria se portar e comunicar os que eram dignos de respeito e obediência; os que porventura detinham o poder local - seja político e/ou econômico.

Portanto, para os historiadores Caio Boschi<sup>23</sup> e Júnia Furtado<sup>24</sup>, as festas barrocas das Minas setecentistas tinham um grande apelo pedagógico, marcado pelo momento propício de introjetar valores e fundar preceitos em uma sociedade altamente hierarquizada, tendo como um dos objetivos centrais por parte do governo metropolitano o possível relaxamento das tensões sociais presentes naquela realidade. Tal objetivo pretendia também o estabelecimento e reforço dos laços sociais e o reconhecimento do poder régio. Todo este processo, segundo Furtado<sup>25</sup>, carecia de um elemento legitimador no qual cabia a massa tal função durante as festividades. Além disso, esse mecanismo se configuraria como meio pacífico tanto para o reconhecimento e respeito das autoridades locais e

23

Boschi, Caio César. Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais, São Paulo, 1986.

24

Furtado, Op.Cit.

25

Ibidem

também das metropolitanas.

Mary Del Priori<sup>26</sup>, por sua vez, entende as festas em seu sentido mais amplo. A autora as apreende como um instrumento imbricado dentro da cultura Barroca tendo como um dos seus desdobramentos a manutenção do poder régio na colônia através do dirigismo cultural. Dessa forma, as festas, envolvendo tanto datas religiosas quanto relacionadas à vida dos governantes, criavam laços ilusórios entre o Rei e seus súditos, fazendo com que aquele tivesse a sua imagem exaltada nestes eventos. Ainda, segunda a historiadora, e neste ponto alinhado a análise de Boschi e Furtado, as festas tinham função tranquilizante típicas do rito processional confessional, que muitas vezes se constituía como “válvula de escape” para as agruras da sociedade colonial, principalmente nas Minas, região de extração aurífera e núcleo de inevitáveis tensões e conflitos. Del Priori atribui outros sentidos as festas que vão desde a circularidade cultural entre metrópole-colônia e a manutenção da cultura negra, revela que estas ocasiões serviam tanto para o mais puro e simples lazer até uma forma de reconhecimento da posição ocupada na sociedade e o poder exercido por determinados indivíduos, acrescenta que o “o indivíduo ou grupo de família afirmavam com sua participação nas festas públicas seu lugar na cidade e na sociedade política”<sup>27</sup>.

Ao trabalhar especificamente com as festas de Corpus Christi na América Portuguesa, Beatriz Catão Cruz Santos<sup>28</sup> destaca o papel das Câmaras enquanto promotoras de tais festejos sob a aprovação de Portugal, que segundo a análise da autora, utilizava este tipo de evento como forma de estender e presentificar o seu poder nas suas possessões no Ultramar. Neste sentido, a festa de Corpus Christi configurava-se tanto como uma prática religiosa; tipicamente barroca, quanto prática política, cujos objetivos sócio-políticos pretendiam o reforço das hierarquias e o fortalecimento do Estado português.

Também preocupado em apontar a festa como uma extensão do poder real da Coroa portuguesa, Rodrigo Bentes Monteiro<sup>29</sup> procura estabelecer uma relação entre a utilização dos festejos durante o reinado de D. João V e as revoltas ocorridas nas Minas no início do século XVIII. Não obstante, o empenho das festas em preservar o reconhecimento do poder régio na região das

---

26

Del Priore, Mary. Festas e utopias no Brasil Colonial. São Paulo, 2000.

27

Ibidem.

28

Santos, Beatriz Catão Cruz, O Corpo de Deus na América: a festa de Corpus Chisti nas cidades da América portuguesa- século XVIII, Niterói, 2000.

29

Monteiro, Rodrigo Bentes. O Rei no espelho: a monarquia portuguesa e a colonização na América (1640-1720), São Paulo, 2002.

Minas provocava um terreno propício para protagonizar várias revoltas, uma que os colonos utilizavam o espaço de afirmação do poder metropolitano para subverter este discurso. Embora tais contestações não tivessem um caráter predominantemente antimonárquico, indicavam uma insubmissão por parte dos mineiros diante da opressiva presença do Estado em decorrência de seu forte caráter fiscalista. Interessante observar que tais contestações subvertiam a lógica das festas, uma vez que o próprio evento promovido pelo Estado e pela Igreja servia para revertê-las enquanto espaço de promoção da ordem e do poder.

Outro autor que sublinha a estreita relação entre festas e a eclosão de revoltas é Luciano Figueiredo<sup>30</sup>, em contraposição a Monteiro, acredita que no processo de elaboração das revoltas, os ritos das festas se transvestiam como peça fundamental para tal, dentre eles o teatro, que na dualidade entre o real e a fantasia tinha tanto a função demonstrar a insatisfação social, quanto aparentar um estado de total desordem e descontentes.

Laura de Mello e Souza<sup>31</sup>, ao analisar a Festa do Áureo Trono Episcopal, que segundo a historiadora marca o período de maior luxo e ostentação nas Minas setecentistas, aponta para o caráter secundário da prática religiosa, defendendo que o apelo visual das festas, como característica típica da expressão da cultura barroca, visava celebrar a própria comunidade e o êxito da empresa aurífera. Para a historiadora, as festas atendiam tanto aos interesses metropolitanos quanto aos interesses da sociedade colonial mineira, a saber:

- 1) como mecanismo para criar a ilusão de que os homens empobrecidos compartilhavam da riqueza mineradora;
- 2) como forma de inversão, ao dar aparência de abundância aurífera, quando o ouro começava a exaurir;
- 3) como forma de neutralização, pois, ao proporcionar a ilusão de uma sociedade igualitária e rica os conflitos e diferenças seriam neutralizados ou amenizados.

Emanuel Araújo<sup>32</sup>, em concordância com Laura de Mello e Souza e Mary Del Priore, também aponta a forte presença da cultura barroca nas festas dos setecentos. Estes rituais, enfatiza o historiador, apresentavam-se como um meio privilegiado para perceber a fidalguia, possibilitando

---

30

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. A revolta é uma festa: relação entre protestos e festas na América portuguesa.

31

SOUZA, Op.Cit.

32

ARAÚJO, Emanuel, O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial.

ao indivíduo a demarcação de sua posição social na hierarquia social. Neste sentido, Araújo percebe a festa como o momento ápice da exacerbação do prestígio e do poder local.

## **Considerações Finais**

Neste breve artigo tentamos abordar dois aspectos revelantes e que se interligam: Cultura e Poder, tentando demonstrar como essas categorias de análise se justapõem, mediando certos códigos sociais de conduta e sociabilidade em um determinado contexto. Neste sentido, buscamos analisar estas duas categorias sob essa perspectiva do Barroco, entendendo este como uma cultura de época, imerso em um contexto de crise.

Entretanto, sabendo da extensão temporal e geográfica da manifestação da Cultura Barroca, optamos trabalhar o século XVIII na América Portuguesa, tentando perceber como essa cultura se trasladou da Europa, especificamente de Portugal, para o “Novo Mundo” e como foi apropriada. Para tal, escolheu-se a região das Minas e as festas que ali ocorriam.

Neste sentido, procuramos articular as festas barrocas como um aspecto importante da política portuguesa na América, procurando explicitar, no corpo do trabalho, o que estava imbricado na ocorrência e promoção dessas festas: tensão, exacerbação do poder, controle, espetáculo e hierarquização social.

Entretanto, durante a pesquisa deparamos como diversas análises e pontos de vista de autores a respeito dessas festas e suas finalidades, assim, percebemos as festas barrocas como manifestações irrestritas de poder, utilizando para tal a cultura. Desta maneira, podemos concluir, a princípio, que de fato houve uma expressão cultural Barroca de herança portuguesa nas Minas setecentistas. Entretanto, devemos pontuar que ambas tiveram suas especificidades nas quais não se pode afirmar que eram manifestações idênticas e sim com as devidas peculiaridades própria da realidade vivenciada pelos sujeitos.

As festas barrocas nas Minas materializava, através de um luxuoso espetáculo, o fausto da sociedade das Vilas, tal manifestação pública reforçava e legitimava a hierarquização social, seja através da decoração das fachadas dos casarios com grande pompa para distinguir das demais ou por meio do desfile durante a procissão onde participavam apenas os merecedores e dignos de estarem ali, indivíduos pertencentes da elite local ou pertencente do plantel de funcionários régios, delas, seja membros do clero, das irmandades religiosas, altos funcionários da Coroa, grandes

mineradores e comerciantes. Neste ritual a ordem de entrada pelas ruas obedecia a importância que aquele indivíduo possuía naquele contexto social, caso o sujeito não fosse merecedor de participar era relegado ao lugar de mero espectador.

Outro elemento característico das festas barrocas que podia ser observado girava em torno da utilização da ocasião para a propaganda da Coroa, centrada na figura de exaltação ao Rei, o triunfo da colonização portuguesa e a falsa aparência de estabilidade e segurança das minas.

Contudo, podemos inferir que as festas barrocas na região das Minas no setecentos tiveram um papel fulcral na política colonizadora Portuguesa, pois, apresentou-se como elemento de controle a ao mesmo de propaganda de conduta social e dirigismo cultural em um território inerentemente marcado por conflitos, sem utilizar coerção física para tal. Estas festividades apresentavam-se, de certo modo, como uma válvula de escape das agruras vividas naquela realidade, além de ter contribuído para a fundação de um *ethos* cultural que imprimiu identidade á região, legado este que pode ser percebido na atualidade.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.

BEZARES, Luis Enrique Rodriguez-San Pedro. *Lo barroco: la cultura de un conflicto*. Salamanca:

Plaza Universitaria Ediciones, 1988.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas epolítica colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

CIDADE, Hernani. *O conceito de Poesia como expressão da Cultura*, Coimbra, 1957. 328 p.

DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FERNANDES, Luciano de Oliveira. *O triunfo Eucarístico: festa barroca e documento/monumento*. Disponível em: [www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1523.pdf](http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1523.pdf) .Acesso em março de 2011

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. A revolta é uma festa: relação entre protestos e festas na América portuguesa. In.: JANCSÓ, István, KANTOR, Iris. (Orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. Vol.1. São Paulo: Hucitec, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001. p. 263-276.

FIORAVANTE, Fernanda. In: O poder das festas: as festividades barrocas nas Minas no século XVIII. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/view/48>. Acesso em março 2011.

FRANCO, Suely. Elementos residuais da alma barroca luso-brasileira em uma cidade da Minas colonial: a Igreja Católica em São João Del-Rei /Minas Gerais/Brasil. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2004

FURTADO, Júnia Ferreira. Desfilar: a procissão barroca. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, vol. 17, nº 17, 1997, p. 251-279.

HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el barroco*, Madrid: Editorial Gredos, 1964.

IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In.: HOLANDA, Sérgio Buarque de.(Org). *O Brasil Monárquico: dispersos e unidade*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1960. Tomo III, v.2, p. 364-412.

\_\_\_\_\_. Minas e a imposição do Estado no Brasil. *Revista de História*. São Paulo, nº 50, p. 257-273, 1974.

MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. 4 e d. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MARAVALL, José Antonio. *La Cultura del Barroco: análisis de una estructura histórica*. 4 e d. Barcelona: Editorial Ariel, 1986.

MUÑOZ, Alice Cámara. *La fiesta*. In.: HERRERA, Antonio Urquizar.; MELERO, José Enrique García.; MUÑOZ, Alice Cámara. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, s/d.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *O Rei no espelho: a monarquia portuguesa e a colonização da América (1640-1720)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As festas promovidas pelo Senado da Câmara de Vila Rica (1711-1744)*. 2001. 143f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2001.

SANTOS, Beatriz Catão. *O Corpo de Deus na América: a festa de corpus christi nas cidades da América portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Janice Theodoro da. *América Barroca: tema e variações*, São Paulo: EDUSP- Nova Fronteira, 1992.

SOUZA, Larua de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza no século XVIII*. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004

VILLALTA, Luiz Carlos. *O cenário urbano em Minas Gerais Setecentista: Outeiros do Sagrado*. Disponível em: [www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/ocenariourbanoemminasgeraissetecentista.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/ocenariourbanoemminasgeraissetecentista.pdf). Acesso em abril de 2011.

WÖFFLIN, Enrique. *Conceptos fundamentales de la Historia del Arte*. 3ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1952.